revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

NO SILÊNCIO OBSEQUIOSO, PREPARO MINHA PRÓPRIA DEFESA PADRE CÍCERO: arquivista de si mesmo

IN OBSESSIONAL SILENCE, I PREPARE MY OWN DEFENSE CIVIL PRIEST CÍCERO: archivist of yourself

NO SILENCIO OBSEQUIOSO, PREPRAR LA DEFENSA MI PADRE CÍCERO: arquivero de si

Maria de Fátima de Morais Pinho[1]
Sônia Maria de Meneses Silva[2, 3]

RESUMO
O presente trabalho tem por objetivo analisar a prática contumaz do padre Cícero Romão Baptista em, ao longo de sua trajetória religiosa e política, copiar e guardar todos os documentos escritos, hemerográficos e iconográficos, constituindo um considerável e consistente arquivo de si que dava conta, igualmente, de aspectos da história política, econômica e social não apenas da localidade em se estabelecera, Juazeiro do Norte, mas do Ceará e do Brasil nas primeiras décadas da República Velha. O chamado "grande arquivo do padre Cícero" é composto por cartas e telegramas tanto de natureza eclesiástica

[1] Doutoranda em História Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Desenvolvimento Regional (URCA) e Graduação em História (Universidade Regional do Cariri). Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: mfmoraispinho@gmail.com.
[2] Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora adjunta da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Mestrado Profissional em História (URCA) e do Programa de Pós-Graduação em História (MAHIS-UECE). E-mail: sonia.meneses@gmail.com.
[3] Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Regional do Cariri, Departamento de História, Curso de História. Rau Cel Antonia Luiz 1161, Pimenta, CEP: 63100-000, Crato, CE, Brasil.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

quanto cartorial, fotografias, artigos de jornais, películas de filmes, etc. Neste trabalho tomando como referência as reflexões do historiador francês Philippe Artierés publicadas na revista Estudos Históricos em 1998, intituladas “Arquivar a própria vida”.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo, padre Cícero, arquivo, documentos.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contumacious practice of Father Cicero Romao Baptista in over their religious and political trajectory, also copy and save all written documents, print newspapers and iconographic, making a considerable and consistent file of himself about aspects of political, economic and social history not only of the locality had established, Juazeiro, but of Ceará and Brazil in the first decades of the Old Republic. The called "large file of Priest Cicero" consists of letters and telegrams from both ecclesiastical nature and notarial, photographs, newspaper articles, movies, films, etc. In this work having as reference the reflections of the French historian Philippe Artierés published in the journal Historical Studies in 1998, entitled "To file life itself."

KEYWORDS: Archive, Father Cicero, documents.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la práctica contumaz del Padre Cícero Romao Baptista en más de su trayectoria religiosa y política, copiar y guardar todos los documentos escritos, hemerográficos y iconográficos, haciendo un considerable y constante de ustedes que se dio cuenta de archivo, también los aspectos de la historia política, económica y social no sólo de la localidad se había asentado, Juazeiro, pero de Ceará y Brasil en las primeras décadas de la antigua República. El llamado "archivo de gran tamaño del Padre Cicero" se compone de cartas y telegramas, tanto de carácter eclesiástico y notario, fotografías, artículos de periódicos, películas, películas, etc. En este trabajo, con referencia a las reflexiones del historiador francés Philippe Artierés publicados en la revista Estudios Históricos en 1998, titulado "Archivo vida en sí."

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Introdução

> *"Obedeça às ordens da Igreja Católica Apostólica Romana, palavra de Deus na Terra! **Porém, este século não terminará sem que venham estudiosos dos lugares mais distantes, até do estrangeiro estudar estes acontecimentos**[4], e quero ver a Igreja calá-los!"* (Barros, 2012, p.17)[5]

A citação em epígrafe refere-se ao depoimento de uma das afilhadas do padre Cícero de nome Albuína Figueiredo, concedido à profª Luitgarde Barros em 1973 quando esta coletava material para sua dissertação de mestrado. Segundo Barros, ao apresentar-se como professora de uma universidade carioca e solicitar o seu testemunho para a pesquisa que estava desenvolvendo sobre o padre Cícero, a depoente se manifestou genuinamente feliz esclarecendo que "[...] tinha tido a graça de ver ali no Juazeiro o estrangeiro Ralph Della Cava e, agora, estava dando depoimento a uma professora do Rio de Janeiro. E meu Padrinho já tinha visto tudo isso, nos anos trinta, falou isso com meu pai e seu compadre"![6]

Embora Albuína Figueiredo acreditasse que naquele momento uma das previsões do sacerdote se concretizava, atestando a capacidade de que dispunha de predizer o futuro, por outro lado pode-se inferir que o padre Cícero ao tomar determinadas atitudes, sobretudo no que tange ao senso de zelo para com os registros que lhe diziam respeito, particularmente, revela a consciência e lucidez que alimentava acerca da importância e necessidade da guarda e conservação dos documentos como um mecanismo de comprovação

[4] Grifo da autora.
[5] A assertiva do padre Cícero de que se "obedecesse à Igreja Católica" estava relacionada ao fato de que aquela, ao condenar os chamados "milagres do Juazeiro" impôs-lhe um *silencio obsequioso*, proibindo-o de falar, expressar-se ou expor qualquer opinião acerca do assunto.
[6] Ibid., p. 17

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

das suas ações e convicções, mas também de toda a trama religiosa, política e social da qual fez parte durante os sessenta e dois anos de vida no lugar que o acolheu.[7] A trajetória do padre Cícero, quase que exclusivamente transcorrida em Juazeiro viu-se marcada pela glória, respeito, fama, prestígio e na mesma medida pelas tensões, contradições, conflitos, polêmicas e perseguições, fatos amplamente documentados e arquivados à disposição daqueles que desejarem estudá-los, interpretá-los, analisá-los.

Ao longo desse tempo, o padre Cícero desenvolve e cultiva o hábito de copiar e guardar todos os documentos que se encontravam ao seu alcance, provavelmente no intuito de evidenciar os acontecimentos da época e os enredos nos quais se envolveu, deliberadamente ou a sua revelia, constituindo um considerável e consistente arquivo de si que dava conta, igualmente, de aspectos da história política, econômica e social não apenas da localidade em que se estabelecera, mas do Ceará e do Brasil do final do século XIX e da chamada República Velha, composto por cartas e telegramas[8] tanto de natureza eclesiástica quanto cartorial, fotografias, artigos de jornais e películas de filme etc.

Intenciona-se neste artigo, portanto, analisar a prática contumaz do padre Cícero de conservar tudo aquilo que lhe dizia respeito e à sua cidade, tomando como referência primeira reflexões do historiador francês Philippe Artierés publicadas na revista Estudos Históricos em 1998, intituladas "Arquivar a própria vida". O referido autor ressalta entre outras coisas, que estudar "[...]

[7] O recorte temporal aqui definido inicia-se quando o padre Cícero chega a Juazeiro do Norte (1872) e estende-se até 1934, ano em que falece. É neste intervalo de tempo que se encontra farta documentação redigida e organizada pelo próprio sacerdote.

[8] A partir de 1912 todos os telegramas recebidos e enviados ao Juazeiro passam a ser copiados pelos, a mando do padre Cícero, em livros. Hoje existe 15 livros de telegramas cujo os originais que estão arquivados no Núcleo de documentação da UFC - Fortaleza

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

arquivos de vida significa exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância".[9]

Ao arquivar os manuscritos escritos por si mesmo, para si e sobre si o padre Cícero fez-se revelar nas suas mais diversas facetas, pondo-se em cena e em constante vigilância, expondo seus atos, escolhas, tomadas de posição, convicções, enfim convidando, por assim dizer, pesquisadores e demais interessados no futuro para empreender novas análises, interpretações e olhares inovadores no que diz respeito ao legado que deixava.

Os primeiros indícios de arquivamento por iniciativa do padre Cícero datam de sua chegada ao povoado de Juazeiro. São cartas trocadas com membros da Igreja Católica do Ceará, coronéis da região e com o primo e amigo José Marrocos. O conteúdo é variado, referindo-se a questões ligadas à freguesia, eventos religiosos realizados, conselhos, pedidos de autorização para a realização de atividades, ou de auxílio para as vítimas da seca. É, entretanto, a partir da instalação da denominada "questão religiosa" de Juazeiro, que passa a preocupar-se mais constantemente com o arquivamento e organização daquilo que veiculava, fazendo cópias, assinando e guardando o que se relacionava a ele próprio e ao ambiente que o circundava.

No intento de entender o porquê e tentar mensurar a importância de tais atitudes, necessário se faz compreender o contexto no qual o padre Cícero inseriu-se religiosa, social e politicamente. Para tanto, considera-se que três marcos são determinantes em sua vida: o sonho, o milagre, a guerra[10].

[9] Ibid., p. 10.

[10] Este fio condutor da narrativa não é algo novo, a maioria dos trabalhos que dissertam sobre o sacerdote dele se utiliza para apreender o fenômeno sócio, religioso e político de Juazeiro.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

O sonho: missão revelada

Em 1871, após celebrar a missa de Natal no povoado de Juazeiro o recém-ordenado sacerdote Cícero Romão Baptista resolve pernoitar no lugar. Ao adormecer vê-se perturbado por um sonho que marcará de forma indelével sua trajetória de vida, alterando o rumo do que havia planejado para si e a família desde que voltara ao Crato: morar em Fortaleza e lá lecionar no seminário diocesano (Della Cava, 2014, p. 56). No sonho, segundo Cícero, o próprio Jesus o incumbe de cuidar e salvar os milhares de sertanejos pobres, famintos e abandonados que viviam deixados à própria sorte naquela localidade[11].

Crendo firmemente que o sonho assumia a força de uma revelação, o padre Cícero decide mudar-se para o povoado, pondo em prática aquilo que Jesus lhe ordenara: cuidar da salvação e vida dos sertanejos. A partir daí se esmera em desenvolver um trabalho religioso e social que lhe renderá prestígio e admiração perante o clero cearense e a elite agrária local, tornando-se afamado como bondoso e considerado santo por aqueles que o procuravam para pedir ajuda, conselhos etc.

O milagre: expressão da sacralidade do juazeiro como terra santa

O trabalho desenvolvido pelo sacerdote levou a Juazeiro centenas de homens e mulheres que, atraídos pela notícia de que ali se encontrava um homem "santo" que acolhia, orientava, protegia os pobres e famintos, para lá se dirigiam em busca de consolo, de refrigério, da cura de loucos e doentes.

[11] Embora praticamente parte da historiografia que trata do padre Cícero se debruce sobre o sonho que tivera, ainda não foi encontrado nenhum documento escrito pelo sacerdote falando do assunto, apesar de pessoas do seu convívio como, por exemplo, o Pe. Azarias Sobreira o mencione no livro do qual é autor, O Patriarca do Juazeiro, asseverando que o sacerdote tinha lhe confidenciado o fato (1969, p. 35).

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Concomitantemente o crescimento e desenvolvimento da vila motivavam aqueles que percebiam naquela conjuntura específica uma oportunidade de melhorar, estabelecer comércio, artesanato e negócios de outras naturezas. Nesse ínterim, a população foi se avolumando com gente advinda de inúmeros lugares, conferindo à localidade uma feição cosmopolita. Formando-se uma comunidade guiada por um líder, o padre Cícero, que "[...] vinculado à sua gente e à sua terra, guiado por Jesus, segundo seu sonho, para proteger os pobres e erguer, na sua plenitude, a Terra da Mãe de Deus.[12]

É nessa atmosfera mística e peculiar que surgem, no final da década de 80 do século XIX manifestações consideradas divinas. A despeito da historiografia de Juazeiro estipular a data de 06 de março de 1889 como sendo a primeira vez que sucedeu o que ficou conhecido como o "Milagre do Joaseiro", jornais do Ceará e de fora do Estado, já em 1887 dão conta de que uma "[...] virgem piedosa residente no Joazeiro e confessada do padre Cícero, tinha no corpo todos os stygmas da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo e que ao receber a comunhão, via-se Jesus sacramentado tornar-se visível à sua serva." (Correio Paulistano, 04 /05/1887, p. 1).

Constata-se, no entanto, que os fenômenos "extraordinários" de Juazeiro só ganharam grande notoriedade e relevância a partir de 1889 quando, depois de uma noite de vigília e oração o padre Cícero, ao dar comunhão à jovem Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, mais conhecida como Beata Maria de Araújo percebeu que a hóstia se transformara em sangue. Durante dois anos consecutivos o fenômeno teria se repetido mais de 180 vezes, presenciado por padres, chefes políticos, um médico e toda a população local.

---

[9] LINHARES, Maria Yedda Leite, prefácio à primeira edição do livro A Terra da Mãe de Deus de Luitgarde Oliveira Cavalcanti barros, 2014, p. XXVII.

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Ao repercutir na imprensa nacional, os desdobramentos dos fenômenos miraculosos provocaram um impacto negativo no âmbito da Igreja Católica causando conflitos no clero cearense, que, de forma alguma os aceitava como um milagre. O padre Cícero, por seu turno, apesar das severas punições sofridas - fato que o fez perder as ordens sacerdotes - conservava a crença numa possível manifestação divina, entendendo-os como um prodígio que se operava na "terra da Mãe de Deus"[13] pelas mãos e boca da beata Maria de Araújo.

Para muitos estudiosos o episódio representa o ponto fundante da popularidade do padre Cícero para além das fronteiras do Cariri, proporcionando maior visibilidade e desenvolvimento a Juazeiro.

A guerra: em defesa da terra santa

A primeira década do século XX assinala a entrada do padre Cícero na política partidária, engajando-se na luta pela emancipação político-administrativa de Juazeiro, na época vinculada ao Crato economicamente. Já contando com renome e prestígio dignos de nota, em 1911 filia-se ao Partido Republicano Conservador Cearense, tornando-se o primeiro prefeito da cidade e terceiro vice-presidente do Estado do Ceará.

Naquele ano o então presidente do Ceará, aliado político do padre Cícero, Nogueira Accioly, é deposto. Em seu lugar assume o cel. Franco Rabello sob protestos dos deputados do Partido Republicano Conservador, que alegavam a falta de quórum na reunião da Assembleia Legislativa que o elegeu, portanto, não tinha legitimidade.

Ainda que compondo o governo como terceiro vice-presidente na chapa de Franco Rabello, a relação entre ambos paulatinamente se desgasta à medida

[13] A padroeira de Juazeiro é Nossa Senhora Das Dores, por isso os romeiros consideram a cidade a terra da Mãe de Deus.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

em que o governador decide interferir na política local, nomeando como delegado um adversário do padre Cícero, apoiando a oposição e demitindo-o do cargo de prefeito, em 1912.

Com o clima cada vez mais ácido permeando a relação de Cícero com Franco Rebello, a oposição, liderada por Floro Bartholomeu se vale da coligação com o senador Pinheiro Machado para planejar a derrubada do governador. Nesse sentido, em 1913, dispondo de maioria na assembleia legislativa é marcada uma reunião em Juazeiro com o objetivo de votar a deposição do líder máximo do Estado, cuja tentativa será frustrada pela interceptação dos partidários de Rabello, aquela altura alertado através de uma carta acerca das manobras em curso. Daí a decisão de invadir, enviando para a localidade um batalhão com mais de mil homens.

A notícia de que queriam destruir a "terra da Mãe de Deus" e dar cabo da vida do padre Cícero, acirra os ânimos e provoca indignação em centenas de romeiros de todos os cantos do Nordeste, que espontaneamente se apresentam para integrar as tropas em defesa do "Padim", e de Juazeiro.

No dia 20 de dezembro daquele ano concretiza-se a primeira tentativa de ocupação de Juazeiro, cuja população reagiu fortemente consagrando-se vitoriosa. Desde então, serão várias as investidas pelas cidades do Cariri. Os defensores de Juazeiro partem na direção de Fortaleza, travando combates violentos com as tropas rabelistas em diversos lugares do Ceará.

Em 14 de março de 1914 o presidente da República, Hermes da Fonseca, decreta intervenção federal no Estado do Ceará, destituindo o governador Franco Rabello e empossando, no dia seguinte, o Cel. Setembrino de Carvalho como seu interventor. Bem-sucedido nessa empreitada o padre Cícero

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

conquista a eleição subsequente para governador, tornando-se o 1º vice-presidente do Estado.

Repercutindo amplamente na imprensa de todo o Brasil a conhecida "Guerra de 14" ocasionou conflitos no meio eclesiástico, contudo, no tocante ao aspecto político granjeou para o padre Cícero notáveis influência e reconhecimento como homem público. Ressalta Della Cava (2014, p. 254) que a partir daí, Cícero converteu-se num dos mais poderosos e atuantes líderes políticos brasileiros, inserindo Juazeiro na rota de interesses estaduais e nacionais.

O sonho, o milagre e a guerra constituem, portanto, a tríade que viabiliza ao sacerdote e sua terra alçar uma posição preeminente na história não somente da esfera local, mas igualmente nacional. Precavido, inteligente e dispondo de incomum capacidade de compreensão da importância do que ali se passava, o padre Cícero cultiva de forma intensa a prática de arquivamento, organizando, conforme já mencionado, um relevante acervo, através do qual se pode acessar múltiplas questões relacionadas à região do Cariri, ao Estado e ao país.

A constituição do arquivo de si: preparando o próprio processo

Artierés[14] afirma que o "[...] arquivamento do eu é uma prática de construção de si e de resistência". Ao averiguar os *Arquivos do padre Cícero* é possível perceber a intenção de que estava imbuído de construir possibilidades de interpretação sobre sua pessoa e os atos e ações que lhe diziam respeito, como se sugerisse, aos leitores e pesquisadores do futuro, uma ressignificação de si próprio, transformando esta atitude numa forma de resistência. No

[14] Ibid., p. 11.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

conjunto de documentos divisa-se o homem, o sacerdote, o político, o filho, enfim, o sujeito que desempenhou um papel fundamental na história do país e que tinha plena consciência do que isso significava.

Noutras palavras, trata-se de um convite instigante para avalizar, questionar, discordar, interpretar, mas não sem antes conhecer suas convicções, crenças e necessárias tomadas de posição, conforme o próprio padre Cícero expressa em seu testamento ao dizer:

> [...] faço estas declarações, neste documento, que para os que me sobreviverem fiquem cientes que neste mundo, durante toda minha vida, quer como homem, quer como sacerdote nunca, graças a Deus, cometi um ato de desonestidade, seja sob ponto de vista que possa ou queira encarar; nem nunca cometi, nem alimentei embuste de espécie alguma (Machado, 2002, p. 53).[15]

Isso só confirma a afirmativa de Artierés que o arquivamento de si é uma forma de "[...] construir um destino para si mesmo um desejo de mostrar a perfeita coerência da própria existência em vista dos episódios que a compõem."[16]

Acerca daquilo que se apresenta como característico da individualidade do padre Cícero, agregado ao seu modo de agir e conceber o mundo e as consequências advindas disso, muito já se falou e escreveu. A historiografia dedicada ao sacerdote é composta de livros, biografias, dissertações, teses, etc., que vão desde a acusação impiedosa à defesa intransigente, da análise acadêmica a escritos memorialistas, dos filmes ficcionais a documentários autênticos.

---

[15] O padre Cícero fez três Testamentos em 1918, 1922, 1923. Este último anula os demais. Somente no terceiro consta a citação supracitada, no qual esclarece a sua participação na política e no episódio bélico de 1914. O conjunto de testamentos está publicado no livro de autoria de Paulo de Tarso Gondim machado, intitulado: padre Cícero entre rumores e a verdade: O inventário do padre Cícero Romão Batista – textos e documentos de 2001.

[16] Ibid., p. 28.

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Considerando a postura de Cícero de preocupar-se com o arquivamento de tão vasto acervo documental, se fazem oportunas algumas indagações: que razões levaram o padre Cícero a guardar com tantos critérios tudo que produzia e que veiculava em relação a ele mesmo? Quais as motivações que estavam contidas numa prática que não é simples e tampouco animadora para a maioria das pessoas? Por que durante anos dedicou-se a este trabalho correndo o risco de que este se voltasse contra si próprio?

Artierés esclarece mais uma vez que "[...] arquivar a própria vida é querer testemunhar [...]"[17], legar para as gerações futuras a tarefa de exumar o passado no intento de revelar o seu eu, o olhar sobre si e o desejo de que vislumbrem a sua face conforme se imagina, mostrando intencionalidades, ações, tramas, tensões e contradições de uma época já não mais vivida.

Ao arquivar de forma elaborada cartas, telegramas, fotos, documentos e os mais variados tipos de registro, o padre Cícero torna patente o desejo consciente de testemunhar, de afirmar e consolidar suas convicções, de deixar para quem viesse depois algo de si.

Não há dúvida de que a necessidade de conservar aquilo que a ele se relacionava foi de vital importância, uma vez que para muitos dos documentos arquivados uma cópia era providenciada, e reservada. Cícero também tinha o costume de frequentar o cartório com a finalidade de solicitar que fossem lavrados termos de protesto em livros de registro público. Um exemplo tácito desta prática reside na carta dirigida ao então interventor de Juazeiro em 1932[18], José Geraldo da Cruz, quando este lhe comunica que deveria recolher o

[17] Ibid.
[18] Com a Revolução de 30 é nomeado como interventor do Ceará Fernandes Távora, que depõe o prefeito de Juazeiro Alpheu Aboim e nomeia um compadre, mas adversário político do padre Cícero.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

seu retrato fixado no salão nobre da prefeitura[19] no prazo de 30 dias, caso contrário o enviaria para o arquivo público do Estado. Sob ameaça, Cícero se coloca:

> Juazeiro, 27-9-1932. Ilmo. Sr. Jose Geraldo da Cruz. Acuso em meu poder a vossa carta, de hoje datada, na qual me comunicais que o Decreto nº 7512, de 9 do corrente, proíbe a aposição de retrato de pessoas vivas nas repartições públicas do Estado e me convida a mandar receber o meu, oferecido à nossa Prefeitura, como lembrança da criação do nosso Município, à qual, acredito a história não poderá obscurecer o contingente de minha contribuição. Em resposta, comunico-vos que autorizei o sr. Jose Duviges a receber o aludido retrato e peço-vos mandeis lavrar, da entrega, um termo, no competente livro dessa repartição, a fim de que fique perpetuada a ocorrência, que julgo de importância para a futura história da nossa terra. Sem outro assunto, subscrevo-me atenciosamente. Pe. Cícero Romão Baptista. (ANSELMO, 1968, p. 575)

Pode-se afirmar que a carta transcrita é bastante emblemática, posto que revela o nível de consciência do sacerdote acerca de sua efetiva participação na história, e da vontade de testemunhar a própria trajetória. A decisão de lavrar no livro de registro da repartição aquilo com que discordava e a indignação que sentia com a atitude do interventor, explicita a perspicácia de Cícero de perpetuar na memória coletiva o papel que lhe coube e a contribuição que dera para o desenvolvimento daquele lugar. Tratava-se de um esforço permanente de manter-se presente quando a ausência física preponderasse.

Outro item significativo no arquivamento da vida, diz Artiéres, é a necessidade de "[...] se insurgir", ou seja, de se impor rebelando-se contra a ordem estabelecida ou uma dada determinação. No caso do padre Cícero, a ordem e a determinação vieram por parte da Igreja Católica ao lhe impor um

[19] Conforme já mencionado o padre Cícero foi o primeiro prefeito de Juazeiro, aclamado por todos como o grande impulsionador do desenvolvimento da cidade. Apesar de não ser prefeito na ocasião da carta seu retrato permaneceu afixado no salão nobre da prefeitura como forma de expressar, simbolicamente, a relevância da sua participação política como primeiro chefe municipal.

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

silêncio obsequioso sobre os *fatos extraordinários* acontecidos em Juazeiro. Proibido de expressar-se e de proclamar a sua crença, é por meio da formação de um arquivo que ele constrói um canal de comunicação, dando eco à voz que lhe fora emudecida, viabilizando meios para falar e ser ouvido.

O arquivo pessoal do padre Cícero é surpreendente. Ali se ouvem argumentações, protestos, os desabafos do sacerdote como que se rebelando, rompendo com o sigilo e expondo suas convicções, fragilidades, alianças, decisões políticas e religiosas. Por fim, insurgindo-se contra as constantes imposições e, conforme ele acreditava, más interpretações que lhe eram dirigidas, deixando para a posteridade novos julgamentos e oportunidades de defesa, chamando para si o direito de se manifestar.

Artiéres atenta para o fato de que"[...] o arquivamento do eu não é uma prática neutra", antes, porém, uma forma de mostrar como o indivíduo "[...] se vê e tal como desejaria ser visto[20]. Nesta perspectiva vale sublinhar que, ao "arquivar-se" o padre Cícero tinha uma intencionalidade, queria mostrar-se como era, na verdade e como pretendia ser visto[21]. Aspirava a reconstruir, restituir a sua imagem desde o início da vida sacerdotal. De acordo com Artiéres "Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós". [22]

Ao reunir tudo o que o evidenciava, o padre Cícero traz à superfície o que alimentava o seu espírito: preparar o próprio processo oferecendo as ferramentas básicas para sua defesa. Quando vivo manteve-se fiel ao que

[20] Ibid., p. 31
[21]Num trabalho desenvolvido por Régis Lopes o autor analisa algumas fotos do padre Cícero, ressaltando o quanto buscava projetar sua imagem ao ser fotografado. Esta é mais uma proposta interessante de interpretação, mas não é oportuno neste ensaio.
[22] Ibid., p. 31.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

acreditava, não rompendo com a Igreja Católica Apostólica Romana em momento algum, a despeito de terem sido cassadas as suas ordens sacerdotais e o silêncio que fora obrigado a suportar. Ainda assim, conservou-se firme quanto à autenticidade daquilo em que acreditava, pois para ele os milagres, para nós os "fatos extraordinários" de Juazeiro não foram um embuste. Animado por essa certeza viveu e lutou com as armas de que dispunha. Primeiramente, percorrendo os caminhos eclesiásticos aventurando-se, até, numa viagem com destino a Roma, depois se utilizando do prestígio e da política.

Cícero acreditava, realmente, na força do que, com tanta dedicação mantinha a salvo do tempo, das intempéries. Provavelmente intuía que todas as questões seriam revisitadas e reinterpretadas. Uma demonstração clara disso com o senso de zelo que o acompanhava. No ano de 1926, com a morte do melhor amigo e leal defensor para além das fronteiras de Juazeiro e do Ceará, Floro Bartholomeu, vê-se muito aflito com o fato de esquecer as pastas de documentos no Rio de Janeiro sob a responsabilidade do irmão de Floro, Octaviano Costa, telegrafando frequentemente para os amigos e solicitando-lhes que as recolham e as envie o mais breve que puderem:

> Off 15-100-9-10 Deputado Jose Accioly – Rio – Peço prezado amigo procurar aí Octaviano Costa receber dele meus papéis e documentos que se acharam em poder Dr. Floro os quais sendo precioso só servem para mim – Outrossim receba também arquivo Gomes de Mattos ver 15 caixas Juazeiro constando livros jornais e revistas, cujo arquivo Dr. Floro – levou Rio sua viagem outubro passado e ficou casa Octaviano debaixo da cama de Floro. Peço empregar melhores esforços em conseguir. Pe. Cícero Romão Baptista - deputado Federal. (Livro de telegrama 4,73-3)

Noutro telegrama para o mesmo deputado pede "[...] encarecidamente, sua intervenção junto Octaviano Costa entregar documentos ficados seu poder

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

morte Dr. Floro. Ditos documentos me pertencem, são de inestimável valor para mim" (Livro de telegrama 4, 61-1). Ao seu amigo e compadre Cel. Pedro Silvino igualmente faz um pedido similar, ressaltando que "[...] examine se entre estes documentos existem livros cópias telegramas." (Livro de Telegrama 4, 52-1)

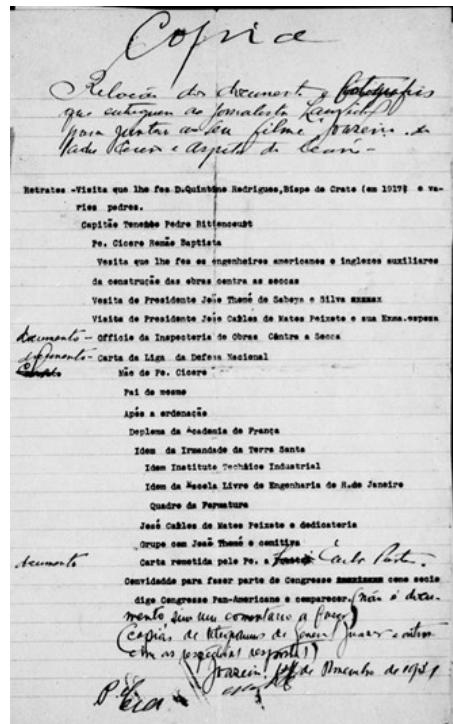
Os telegramas, indubitavelmente, revelam um sacerdote cioso e preocupado com os rumos que a documentação acumulada ao longo de tantos anos pudesse ser extraviada, ou destruída. Sabedor do conteúdo daquilo que meticulosamente resguardava do mundo, supunha repousar ali a garantia de oportunizar futuros estudos, questionamentos, esclarecimentos, que nas mãos de contemporâneos poderia tornar-se mais um motivo de acusações e detratações injustas.

Após sua morte, no entanto, aquilo que foi tão caro e precioso para o sacerdote sofreu inúmeras fragmentações e, segundo Renato Casimiro (2002, p. 155)[23], com extensão não totalmente conhecida. Vários documentos foram levados por aqueles que frequentavam a sua casa como uma relíquia, uma lembrança, outros ainda doados pelo próprio padre Cícero para realização de matérias jornalísticas, filmes, documentários, conforme documento abaixo:

[23] CASIMIRO, antonio Renato Soares. Arquivos e pesquisas sobre padre Cícero: uma "cronogealogia" para o grande acervo In: Anais do III Simpósio sobre o padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele?, 2004.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Relação de documentos emprestados ao jornalista Lauro Dos Reis Vidal para produção do filme "*Juazeiro do padre Cícero e os aspectos do Ceará*" (Acervo do Colégio Salesiano – ACS)

O recorte em destaque transcende a simples comprovação da desagregação do acervo documental organizado pelo padre Cícero. Sinaliza o que se vem asseverando no transcurso desta reflexão, certificando que o ato de arquivar não era apenas uma mera atividade despretensiosa e banal apreciada por Cícero, mas uma forma de fornecer subsídios e argumentos para a construção de sua defesa, basta observar quais documentos foram emprestados: fotos com o bispo do Crato e outros padres, com engenheiros e capitão, com presidente e vice-presidente do Ceará, da mãe e do pai, diplomas, carta da Liga de Defesa Nacional, telegramas com senadores etc. Enfim, registros que atestassem ser o padre uma pessoa preeminente, prestigiada, familiar, bem informada.

Convém atentar para dois expressivos detalhes no documento: a indicação de que se trata de uma cópia, algo que Cícero já fazia desde que

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

começou o processo de arquivamento ainda no século XIX e o fato de ser uma reprodução datilografada, pois a essa altura da vida o sacerdote contava com uma equipe que o auxiliava na logística e sistematização do empreendimento em curso[24]. A assinatura era de praxe, talvez uma maneira de assegurar sua marca, de atribuir legitimidade e informar que tinha ciência do teor do documento, na íntegra.

Outro indício da dispersão do arquivo de Cícero encontra-se na série de publicações levada a cabo pelo jornalista Edmar Morel, no jornal Diário da Noite a partir de 26/08/1944, Intitulada DEVASSANDO O ARQUIVO DO PADRE CÍCERO: **Os mistérios de Joazeiro e documentos secretos do famoso sacerdote, numa série de quatro reportagens no DIARIO DA NOITE.** Informa a matéria:

> Edmar Morel teve êxito em sua missão, pois não só conseguiu ouvir 50 pessoas que viveram na intimidade do famoso sacerdote, como devassou o arquivo particular do padre Cícero, colhendo assim documentos confidenciais de tão discutido e curioso personagem.
> Pela primeira vez na história de Joazeiro, um homem de jornal penetrou de maneira tão profunda na vida do seu povo, a ponto de trazer consigo inúmeros originais do próprio punho do celebre padre, cartas e documentos inéditos e ligados à política do País. (Diário da Noite, 26/08/1946 – pág. 2)

A esta primeira edição se seguira mais cinco nos dias 28, 30 e 31 de agosto e 06 de setembro de 1944, com manchetes em relevo e exibição de fotos, cartas, telegramas e documentos eclesiásticos. A impressão abaixo é uma amostra desta empreitada:

[24] A princípio, o próprio padre Cícero copiava manualmente os seus documentos, mas com o passar do tempo e com a crescente popularidade adquirida, assim como o aumento das correspondências trocadas e atividades diárias, valeu-se da ajuda de amigos próximos e secretários que se incumbiram de dar continuidade aos intentos do sacerdote.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Devassando o arquivo do Padre Cicero

Os misterios de Joazeiro e documentos secretos do famoso sacerdote, numa série de quatro reportagens no DIARIO DA NOITE

Diploma da Ordem da Santíssima Trindade e da Redenção dos Cativos com séde em Roma, conferido ao padre Cicero Romão Batista, em 1892, já suspenso de suas ordens pela Santa Sé. Por este documento o padre Cicero ficou autorizado a benzer escapularios de côr alva, vermelha e azul e com a Santa Cruz, e conceder indulgencia. Este documento é um dos muitos confiados ao enviado da Agencia Meridional a Joazeiro, pelos serviçais do sacerdote.

Os "Diarios Associados" enviaram a Joazeiro, no Ceará, onde viveu e morreu o padre Cicero Romão Batista, o reporter Edmar Morél, afim de que este nosso companheiro realizasse rigoroso inquerito sobre a vida do traumaturgo, cuja fama correu mundo.

(Continua na 2.ª página)

Diário da Noite, 26/08/1946 – pág. 2
DEVASSANDO O ARQUIVO DO PADRE CÍCERO
Os mistérios de Joazeiro e documentos secretos do famoso sacerdote, numa série de quatro reportagens no DIARIO DA NOITE

Arquivo do Padre Cícero: da interdição à democratização

Afora toda inevitável fragmentação, boa parte do acervo por Cícero recolhida e cautelosamente conservada ficou sob a guarda da Congregação dos Padres Salesianos, tornados os principais beneficiários do testamento que deixou.

No decurso de muitos anos o arquivo ficou inacessível aos pesquisadores e ao público em geral. Condenado, enxotado e excluído pela Arquidiocese do Ceará, seu nome, seu povo e sua terra eram avaliados com reserva por uma porção considerável do clero cearense, que os elegeu como um assunto proibido de se mencionar. Até este período, somente aos padres da Diocese de Crato era permitido o contato com os documentos, utilizando-os sempre com o empenho de acusá-lo[25].

[25]Os padres que mais acessaram os arquivos do padre Cícero foram Antônio Gomes de Araújo, responsável pelo *O Apostolado do embuste*(1956) e Antônio Feitosa, autor do livro *Falta um defensor para o padre Cícero(1983)*, no qual faz dolorosas acusações .

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

Na década de 1960 o historiador Ralf Della Cava – entre outros -, durante sua pesquisa de doutorado[26] obteve autorização para visitar os inéditos arquivos da Diocese de Crato e do Colégio Salesiano. Com a colaboração do bibliotecário pe. Manuel Isaú, "[...] desencaixotou e desempacotou" os documentos, organizando-os em 72 pastas. (Silva, 1977, p. 03)[27]. Uma parcela deles foi microfilmada pelo pesquisador[28], dando início à primeira organização e catalogação dos acervos propriamente dita.

Mais uma iniciativa essencial na democratização do arquivo do padre Cícero, deu-se com a publicação feita pelo então diretor do Colégio Salesiano de Juazeiro, pe. Antenor de Andrade e Silva com o lançamento dos livros: *Os arquivos do padre Cícero (1977),* contendo correspondências políticas, religiosas e pessoais do sacerdote; *Cartas do Padre Cícero (1877-1934), 1982 e Padre Cícero: mais documentos para sua História (1989)*[29].

Nos idos de 1970 a pesquisadora e antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros contribuiu sobremaneira com a organização e classificação dos acervos tomando como ponto de partida sua pesquisa de mestrado[30]. Todavia, diferentemente de Ralph Dela Cava, somente lhe foi permitido o acesso aos arquivos dos Salesianos cinco anos após o início da pesquisa, fato que a motivou a valer-se da História Oral para seguir com o trabalho, acrescentando uma fonte valiosa à investigação, visto que os depoentes eram

---

[26] A tese foi publicada em 1970 com o título *Miracle at Joaseiro* pela Comlumbia University Press e traduzida para o português pela profª Yedda Linhares intitulada *Milagre em Joaseiro,* pela Editora Civilização Brasileira em 1977, já na sua 3ª edição.

[27] SILVA, Antenor de Andrade. Os arquivos do padre Cícero. Juazeiro do Norte – CE, 1997.

[28] Na atualidade os microfilmes estão à disposição dos pesquisadores. Também é possível acessá-los através do site http://ufdc.ufl.edu/rdc/all/brief/5, no arquivo "Ralph della Cava Gift: on Padre Cícero and Popular Religion in Brazil

[29] As publicações mencionadas referem-se apenas aos documentos que compõem o chamado Arquivo do Colégio Salesiano (ACS).

[30]Publicada em 1988 com o título: *A terra da Mãe de Deus*, pela Editora Francisco Alves. Está na sua 3ª edição

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017
DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

amigos, pessoas que conviveram com o padre Cícero e participaram, em boa medida do que ocorreu em Juazeiro.

A abertura dos arquivos teve prosseguimento com a instalação do Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes (DHDPG), uma ação positiva da Diocese do Crato realizada em 2001 e com a vinda do bispo Dom Fernando Panico, que constituiu em 2002 uma *Comissão de Estudos para a Reabilitação histórico-eclesial do padre Cícero*, incentivando novos olhares sobre o sacerdote e seus romeiros.

Além de ambas as instituições – Colégio Salesiano do Juazeiro e o Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes – que acumulam juntas cerca de noventa por cento de todo o acervo do padre Cícero, outras foram criadas com o mesmo fim, dentre elas o Centro de Psicologia da Religião, instaurado pelas irmãs Tereza e Annette Dumoulin com foco, sobretudo, nos romeiros que vêm a Juazeiro.

Em síntese, o chamado *Grande Acervo do padre Cícero* encontra-se distribuído em diversas entidades: Colégio Salesiano do Juazeiro (cartas, biblioteca, fotos, documentos cartoriais e eclesiásticos etc.), Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes (processos e documentos eclesiásticos sobre a questão religiosa, cartas), Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Ceará (livros de telegramas).

... Ele tá vivo, o padre não tá morto![31]

Desde que falecera em 1934, passaram-se 82 anos e, certamente, o padre Cícero é tomado como uma das personalidades brasileiras mais biografadas, pesquisadas e estudadas graças ao protagonismo nos campos religioso, político

[31] Trecho de *Viva meu padim*, de autoria de Luiz Gonzaga.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

e social do seu tempo. O inalterado hábito de copiar, registrar e salvaguardar tudo que a ele se relacionava, construindo o que Barros (2012, p. 17) considera o "[...] maior acervo documental encontrado em qualquer cidade interiorana...", se apresenta como um convite à realização de novas pesquisas, livros, filmes, documentários. Muito ainda tem de se descobrir, revelar, analisar e exumar acerca de tão controverso personagem e tudo que o circunda.

O padre Cícero não escreveu um livro de memórias, uma autobiografia ou qualquer coisa do gênero, porém, conforme afirma Artierés[32] "[...] arquivar a própria vida é uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte". Cícero não só sobreviveu ao tempo e à morte, como é hoje uma das celebridades mais polêmicas trazidas à tona no mundo contemporâneo, mantendo-se vivo e pulsante na oralidade dos romeiros que propagam e divulgam seus conselhos e máximas. No aspecto político é evocado nos discursos e campanhas e a Igreja Católica, nos últimos anos busca se reaproximar do sacerdote promovendo estudos, debates, celebrações, participando ativamente das romarias. Na academia suscitou centenas de trabalhos monográficos, dissertações e teses. Mantém-se igualmente vivo na mídia, que de forma recorrente produz documentários e filmes. No arquivo que alimentou respira como se ainda estivesse aqui.

Dito de uma maneira diferente, o livro que escreveu é o seu *Grande Arquivo*. Aqui ele fala nos instigando a conhecê-lo, expressa seu pensamento e modo de ser, de viver, de agir.

O tempo e a distância de toda trama conflitiva, dolorosa e melindrosa vivenciada por Cícero e seus contemporâneos podem ser revisitados, mas se faz necessário bater à porta.

---

[32] Ibid., p. 32.

revista Observatório
ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

ACERVO CONSULTADO

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira – site: http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx

FONTES DE PESQUISA

Diário da Noite, 26/08/1946 – pág. 2
Diário da Noite, 26/08/1946 – pág. 2

Livro e Telegramas do padre Cícero nº 4 (01.07. 1926 a 31.01.1927)

Referências

ANSELMO, Otacílio. (1968). **Padre Cícero, Mito e Realidade**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Antônio Gomes de. (1956). **O apostolado do embuste**. Crato: Revista Itaytera, p. 02 – 62.

ARTIÉRES, Philippe (1998). **Arquivar a Própria Vida**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (2014). **Juazeiro do Padre Cícero***: A terra da mãe de Deus*. 3ª ed., Fortaleza: Editora IMEPH.

__________, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.) (2012). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joaseiro:** autonomia política-administrativa. V. II, Fortaleza: Editora Senac.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares. Arquivos e pesquisas sobre padre Cícero: uma “cronogealogia” para o grande acervo In: **Anais do III Simpósio sobre o padre Cícero do Juazeiro:** e... quem é ele?/ Dumoulin, A. Guimarães, A.T., Forti, M.C.P. (ed.) 18 a 22 de julho em Juazeiro do Norte-Ce, 2004.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p172

DELLA CAVA, Ralph (2014). **Milagre em Joaseiro**. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras.

FORTI, Maria do Carmo P. **Maria de Araújo, a beata do Juazeiro**. São Paulo: Edições paulinas, 1991.

FEITOSA, Neri. (1991). **As Virtudes do Padre Cícero**. Juazeiro: Universidade Regional do Cariri, coedição com o Instituto Cultural do Vale Caririense.

LINHARES, Maria Yedda Leite, **prefácio à primeira edição** do livro A Terra da Mãe de Deus de Luitgarde Oliveira Cavalcanti barros, 2014, p. XXVII.

MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. **Padre Cícero entre os Rumores e a Verdade**: O Inventário do Padre Cícero Romão Batista – textos e documentos. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

SILVA, Antenor de Andrade. **Os arquivos do padre Cícero**. Juazeiro do Norte – CE, 1977.

___________________. **Cartas do padre Cícero** (1877-1934). Salvado: E.P. Salesianas, 1982.

___________________. **Padre Cícero mais documentos para sua História**. Salvador: E.P Salesianas, 1989.